CONHECIMENTOS UTEIS.

A MINA DA SERRA DA PALHAÇA.

925 O perito, que se-encarregára da anályse do presuposto oiro de que em o nosso artigo 884 se-fez annuncio, não póde assentar por ora o seu juizo no assumpto por ser escacissima a quantidade do mineral, que se-lhe-enviou. Rogamos pois ao officioso correspondente, de quem houveramos a noticia e a amostra, aperfeiçoe a sua obra de bom portuguez, remettendo-nos promptamente um até dois arrateis do minéreo com a mistura da propria terra e calhau de que se-acha involto e cercado.

¿ QUAL É O MODO DE VIDA QUE MAIS CONVEM A CADA UM ?

926 A todos os filhos de Adão foi posta obrigação de trabalhar. A fortuna parece ter exceptuado alguns, mas a natureza compensa a occultas essa desegualdade com dar aos ociosos o cançaço da ociosidade, a fadiga de andar á caça dos prazeres, os tormentos de maior numero de pezares e remorsos, as molestias dos ricos, a velhice aos trinta annos, e antes do verdadeiro fim da vida, a morte. Todos nascemos pois, para trabalhar; e para todos ha trabalho n'este mundo. As necessidades sociaes são infinitas e variadissimas; por isso a Providencia, que nos-talhou para a sociedade, dispartiu pelos individuos tamanha variedade de talentos e aptidões. Desde o ferreiro, que passa a dura vida entre as chamas a combater com o mais duro dos metaes, e do pastor, a quem a sua se-deslisa por entre amenidades ao som de melodias, até ao astrónomo, que véla as noites a pesar e medir a povoação dos céus, e ao poeta a quem as suas se-enfeitiçam viajando pelas regiões do mundo intimo, não ha na escala immensa das vocações um só degráu desoccupado.

É de presumir que o numero de individuos, que a natureza prehabilita para cada um d'estes degráus, seja á nascença pouco mais ou menos o necessario, para que a ordem social sáia qual, segundo os eternos designios, deve sair. A solução do maximo problema da felicidade geral estaria achada na hora, em que descoberto ou inventado um instrumento, por onde se-reconhecessem as aptidões, a lei sobre essa base unica fundasse o officio, a profissão, o estado, a subsistencia de cada um; mas essa hora, esse dia, esse anno, esse século e esses séculos, temol-os nós (que ainda não bem caimos em propender para phrenólogos), por distantissimos, senão chiméricos.

Na constituição actual dos destinos humanos, que a muitos respeitos, se-havemos de dizer a verdade, não leva grande vantagem á constituição dos destinos humanos, de ha trinta séculos, as profissões e estados tomam-se ou recebem-se ao acaso; muitas vezes por um calculo aéreo, muitas por uma phantasia, muitas por um falso relampago de vocação, muitas por suggestões alheias, muitas por força de circumstancias, e quasi nunca por convencimento de conveniencia entre o homem e o mister, entre o obreiro e a obra, e tambem da correspondencia entre o trabalho e o galardão, entre o officio e o beneficio, emfim entre a pena e o prazer. D'aqui vem as frequentes lamentações de tantos arrependidos; d'aqui os descoroçoamentos, as pobrezas, as miserias, os crimes; é porque o serralheiro anda tripulando a náu, o pastor carregando o canhão, o guerreiro dizendo missas, o padre medindo pannos, o mercador abrindo póços, o pintor fazendo carros, o tamanqueiro leis, o machinista petições, o pomareiro carvão, o barbeiro politica, e o politico medicina.

A dois males capitaes se-reduz este desconcerto, — um publico, outro particular — ao publico não prevemos nós remedio, ao menos tão cedo; mas ao particular — pelo menos a grande parte d'elle, — se ainda o remedio não está manipulado, a receita d'elle já existe, e é essa que nós vamos considerar.

CARTA DE GUIA POR ONDE CADA UM HA-DE ESCOLHER SUA OCCUPAÇÃO OU DICCIONARIO DAS PROFISSÕES: SOB A DIRECÇÃO DE EDUARDO CHARTON. — É este o titulo de uma obra, que seu compilador, varão conhecido por outros escriptos philosophicos e de vulto, encommendára distribuidamente a sujeitos idoneos e bons sabedores em cada uma das materias parciaes, por tal modo que no tractado de cada profissão se-encontra a clara noticia de todas suas partes, de todas suas difficuldades, de todas suas vantagens; do que póde custar a habilitação para ella, do que se-dispende no seu exercicio, do que na sua pratica se-ha-de lucrar; — por aqui os paes de familias podem allumiar-se a si e a seus filhos em uma escolha, que, em se-errando, costuma causar a desgraça de toda a vida, e accarretar com a do individuo a de sua futura familia. — Na profissão militar, por exemplo, o adolescente só vê o exterior, o que resplandece, os cachos de oiro das dragonas, o acceso dos penachos, o purpurio da banda, o faiscar das armas, os meneios alterosos do cavallo, a altiveza das bandeiras, a embriaguez das victorias na guerra, o ocio e os prazeres da paz: ¿ e será justo que no primeiro impeto do enthusiasmo, que lhe-infundiu o passar de um batalhão, que marcha ufano com a sua estrondosa musica á frente, elle corra sem mais exame a jurar bandeiras?! ¿ Não é conveniente, e sobretudo não é justo que essa existencia astuciosamente arraiada para seduzir, se lhe-apresente nua, com todos seus aleijões, com todas suas miserias, com todas suas lastimas, com todas suas dores, e tambem com todas suas vergonhas? ¿ que lhe-mostrem (como Alfredo de Vigny) a incrivel escravidão que sob a grandeza militar anda encoberta? sem duvida. Ora eis-ahi o para que serve esta *carta de guia* que annunciamos: é uma luz vertical em uma academia do nu; o alvo do estudo póde ser visto por todos os lados, porque não ha ahi panejamentos, que imponham, ou sombras, que mintam. Se depois de tudo averiguado entre vós e o vosso filho, achaes que a profissão póde convir-lhe, e se as suas disposições naturaes, cujos symptomas tambem no livro vem apontados, para ella o-impellem desenganadamente, o abraçal-a será um acto de prudencia, a que provavelmente se não hão-de seguir nenhuns arrependimentos; se, não obstante algumas desconveniencias reconhecidas, os symptomas da vocação são tão fortes que o candidato se-obstina, a escolha poderá sair-lhe errada segundo os calculos pecuniarios, mas já se-podem apostar cem contra um que n'essa estrada providencial, lá adiante o-aguardam credito e gloria, que tambem a final se-póde converter no que se-intende por fortuna.

A obra de *Charton* é portanto uma obra eminentemente social. Mas, não nos-enganemos, nascida em França mal póde ella servir senão para França. A razão é clara. ¿ Como se-applicaria á profissão do nosso comediante, do nosso esculptor, do nosso clerigo ou do nosso ingenheiro o que fôra escripto á vista do comediante, do esculptor, do clerigo e do ingenheiro francez? ¿¡ Quando o estado do theatro, das artes, da egreja, das edificações e estradas estão deferindo *toto cœlo* nos dois paizes?!

Apontamos pois esta *Carta de Guia*, menos para ser consultada como codigo, do que para que alguns amigos da nossa patria se-tentem, á vista de tal exemplar, a empreender uma obra analoga, mas fundada na statistica da nossa terra, no conhecimento da nossa gente, e nas probabilidades dos nossos futuros.

Que ha ahi homens para tamanha empresa bem o sabemos nós — nomeal-os-hiamos senão houvera por dois modos quebra de modestia em apontar para tamanha altura e mostrar ahi amigos nossos e coadjuvadores certos do nosso jornal.

Apressamo-nos a publicar o seguinte, claro e utilissimo tractadinho, com que o sr. *A. C. P.* vem respondendo a uma das petições que em o nosso artigo 750 se-haviam feito, por parte da agricultura portugueza. — ¿ O exemplo do sr. *Holtreman*, ácerca do *esparcéto*, artigo 813; e este do sr. *A. C. P.*, a respeito do arroz, não moverão a algum outro prático a dar da sua luz por *esmólla* aos pobres agricolas, que andam procurando pelo *algodão*, pelo *chá*, pela *luzerna*, e pelas *multicaules?* — Esta é já a TERCEIRA DENUNCIAÇÃO.

BREVE NOTICIA DA CULTURA DO ARROZ ENTRE NÓS.

927 O arroz pede ao terreno certas condicções, das quaes umas influem absolutamente na sua germinação e ulterior desinvolvimento, e outras concorrem poderosissimamente para a abundancia e qualidade da producção. Um terreno árido, ou desprovido de grande cópia de succos, é inteiramente improprio, e por isso deve elle ser de geito que facilite continuada rega; n'este caso estão as proximidades planas das correntes ou mananciaes, e são as unicas acommodadas á sementeira do arroz. Uma terra humida, porém forte e ensaloada, apresentará uma seara soberba á primeira vista: a altura e grossura dos caules será consideravel, a folha larga e verde escuro, mas a espiga pequena e pouco recheada; o grão mal desinvolvido, e além d'isto será a messe inquinada de milhã. Se a terra tiver sido em annos successivos semeada, ou de arroz, ou de outro qualquer grão, não só a planta será pouco desinvolvida, mas o bago escaço; d'onde se conclue, que um terreno delgado e bravio será aquelle em que, *ceteris paribus*, haverá o maximum de producção, de boa qualidade, e de limpeza do arroz.

Preparo da terra, sementeira, e mais amanhos até á ceifa.

Como os paús e terrenos proximos ás margens das ribeiras, principalmente os que ainda não foram arroteados, se-acham cobertos de fortes juncaes, bunhaes, etc., dever-se-ha em octubro mandar roçar, charruar, e gradar a terra: porém esta ultima operação escusa de ser mui aperfeiçoada. No meado março lavra-se e grada-se de novo, e n'este praso se-executa este trabalho como na lavoira ordinaria bem feita. Divide-se todo o terreno em canteiros, similhantes aos das marinhas ou das hortas, ficando os cómoros pelo menos com dois palmos d'altura, sufficientemente batidos a fim de não serem desmoronados pela agua, que ao depois devem conter; assim terá facil e seguro trânsito o homem encarregado de vigiar os canteiros: — o tamanho d'estes é arbitrario, e só quando ha alguma desegualdade na superficie do terreno, é que se-costumam fazer pequenos. No principio até meado abril procede-se á enchedura dos canteiros, e logo depois á sementeira, que nada tem de particular, e só consiste em lançar a semente na superficie da agua, cuja altura deverá ser de duas pollegadas pouco mais ou menos. Ha uma razão para não intercalar grande espaço de tempo entre estas duas operações, e vem a ser, o não dar aso ao desinvolvimento dos juncos e mais plantas nocivas, que em tanto regalo de aguas pulariam com extrema rapidez, e affogariam o arroz quando quizesse germinar. A experiencia tem egualmente ensinado a dar pequena altura á agua contida nos canteiros, não só no acto da sementeira, mas emquanto a nova planta se não enraíza, de modo que possa resistir ás ondulações produzidas pelo vento na superficie do liquido, o que seria impossivel na infancia do vegetal com uma fundura de agua mais consideravel. Os canteiros devem conservar-se sempre alagados, ou ao menos com humidade sufficiente para que a terra esteja em lama, e isto até oito dias antes da ceifa. Apenas ha uma circumstancia em que convém seccar temporariamente os canteiros, e é, quando os junqueiros teem crescido a ponto de ameaçarem o futuro desinvolvimento do arroz, porque então a vegetação do junco se-ressente immediatamente da falta do liquido, e secca; e ainda que o arroz tambem padeça e se-torne amarello, comtudo logo que se-lhe-restitua a agua, com extraordinaria rapidez, e sem quebra alguma, recobra o seu primeiro andamento vegetativo.

Da ceifa, conducção e debulha.

Proceder-se-ha á ceifa desde o meio até ao fim de septembro, para o que não é preciso esperar que a planta haja chegado de todo a enloirecer; mas basta que a espiga tenha chegado a essa côr, conservando-se a haste sobre o verde, aliás o grão facilimamente salta fóra do cazulo; e é esta egualmente a razão de se-atar em feixes logo depois de ceifado, e ser conduzido para a eira, não em carradas com fueiros como o trigo, mas dentro em arcas ou taipaes.

A debulha póde fazer-se differentemente, ou á côbra, ou com mangoais, porém esta ultima maneira é mais dispendiosa, e só em pequenas porções é que deverá empregar-se. O modo de separar a palha do grão e limpar este, é inteiramente análogo ao que se-pratica com o trigo; apezar d'isso o arroz depois de separado da palha passa por uma operação particular, a que chamam esrabijar, e consiste em quebrar com mangoais as praganas mui-

to compridas, cujos fragmentos depois se-separam ao vento: a palha só serve para as camas dos bois. Feito isto segue-se o descasque da porção que deve ser lançada no mercado, tendo sido anteriormente apartada e escolhida a quantidade destinada á sementeira futura, a qual deverá ficar vestida.

Do descasque, e operações consecutivas até ao mercado.

O descasque faz-se nos moinhos ordinarios de vento, ou agua, e consta de duas partes, uma a que se-chama *escardoçar*, é a que separa a porção mais grosseira da casca; e outra, *apurar*, em que se-despe completamente o grão, e se-reduz a termos de servir para a meza. As pedras dos moinhos requerem precauções, que ao primeiro intuito se-reconhecem por essenciaes. A inferior ou fina deve apresentar menor resistencia, do que no serviço ordinario de fazer a farinha, e para se isto obter a-costumam forrar de cortiça: a superior, ou movel convém que não exerça uma pressão tão forte, e para isso é graduada pelos molleiros, já entre nós bastantemente experientes n'este genero de trafego. Passa-se depois á separação do pó, o que se-faz ou com peneiras de cabello, chamadas vulgarmente de *milho*, ou com peneiro d'arame em plano inclinado.

Este pó é muito nutriente para os porcos, e supre maravilhosamente a farinha, ou farello que se-lhes-costuma misturar na comida. O arroz limpo do pó tem ainda de passar por duas ultimas operações a fim de ficar perfeitamente em estado de se-vender; a 1.ª é a separação dos fragmentos da casca; e a 2.ª a exclusão dos bagos ainda vestidos. Executa-se a 1.ª por auxilio do vento, levantando ao ar o arroz, ou á mão, ou com a pá das eiras: obtem-se a 2.ª com a *joeira*.

Eis-aqui em resumo o que diz respeito á cultura d'este cereal desde a sua sementeira até ser mettido no mercado; julgo porém não ser fóra de proposito, para completar esta noticia, junctar ainda algumas uteis reflexões.

A terra em que se-semêa o arroz cança facilmente mas que fosse de novo roteada: a terceira producção é já consideravelmente menor do que as duas primeiras, e por isso convém deixar folgar o terreno de quatro até seis annos.

Deve-se escolher, e apurar a semente todos os annos, porque degenéra com facilidade, e mais sendo semeada successivamente, no mesmo terreno; e já não assim quando é empregada em sitio diverso do em que se-creou. Escolher-se-hão os grãos mais grossos, mais compridos, e mais brancos.

Com estas precauções já alguns lavradores d'estes contornos teem conseguido um tal apuro de semente, que nenhuma inveja tem ao afamado carolino.

Estimarei que estas noções approveitem a quem se-quizer dedicar á cultura de tão importante genero, postoque havemos de confessar que já anda mais introduzida do que a do chá, *multicaules etc.*, pois que só n'estas proximidades já se-lavram alguns centos de moios; e sei que nos campos de Coimbra, e outros pontos se-teem empregado n'esta lavoira, com manifesta vantagem para o lavrador, para o vendedor, e para o povo. O primeiro reputando cada alqueire a 800 réis lucra em um mercado certo, muito mais do que no trigo; e dando um alqueire d'aqui 88 arrateis, vendido por miudo a 40 réis o arratel, dá um ganho ao vendedor de 19$200 réis por moio, ficando a favor do povo uma economia de 10, ou 20 réis, que demais lhe-levava o arroz de fóra, destituido de todas as boas qualidades, que possue o cultivado entre nós.

Chamusca. A. C. P.

GUERRA ÁS ASSIGNATURAS DE CRUZ.

928 ¡A quantas injustiças e demandas não tem dado origem o assignar de cruz, pela facilidade de suppôr e falsificar uma tal firma! O dia em que todos saibam ler e escrever, será (se jamais tem de raiar) o grande dia da civilisação, e a grande vespera da felicidade geral; — como porém esse tal dia não dá mostras de alvorecer tão cedo, muito mais cá n'este extremo occidente — vejâmos se a arte, que tanto póde, não saberá, por alguma ingenhosa trapaça, sem mestre, sem dispendio de dinheiro, de papel, de tempo, e de paciencia, ensinar ainda aos mais leigos e sáfaros a assentar o seu nome, prompta, legivel e até elegantemente. Este grande problema eil-o aqui em duas palavras resoluto.

Peça o ignorante de escripta a qualquer seu similhante — que o não seja n'essa parte — lhe-lance o nome em um papel com lettras grandes e rasgadas: pégue da penna, até sem tinta, e vá com ella seguindo fielmente todos os traços das lettras por sua ordem; chegado ao fim recoméce e reitére o ensaio, até que a mão haja adquirido pelo uso uma especie de memoria, pela qual depois ficará repetindo com uma certa perfeição a sua assignatura. É receita averiguada e tão efficaz, como prestadía.

Temos fé, em que poucas almas, ou nenhuma, dos que sabem ler se-cançarão a propagar esta noticia.

ESPELHOS DE NOVA IDÉA.

929 Inventou *James Thornton*, lente de chymica na universidade de *Philadelphia*, uma composição metallica, liquida, e vitrificavel, que, em se estendendo n'uma superficie aparelhada com aço, como o dos espelhos, e deixando-se esfriar, fica rija como vidro ou cristal, e não menos diáfana e brunhida; e reflectindo para logo os objectos como o espelho mais primoroso. De todos os tamanhos se podem estes fazer; e até revestir-se d'elles inteirissos uma torre, uma egreja, uma cidade, se quizerem. A sala de visitas do doctor assim está forrada, paredes e tecto; por modo, que, em se-lhe-accendendo os lustres, é uma multiplicação de luzes por toda a parte, que parece estar-se no meio dos espaços infinitos, estrellados de luzeiros.

Ignoramos porora o segredo da composição.

CONQUISTAS INDUSTRIAES.

930 Recolheu-se agora á *França*, sua patria, após vinte annos de scientifica peregrinação pela *India, Diard*, um dos mais celebres discipulos de *Cuvier*: traz receitas, que haviam sido até hoje segredos inexcrutaveis d'aquelle oriente: — taes como a do verniz preto para as porcelanas; e vinte barris d'este mesmo verniz já feito. Tambem traz de *Java* plantas não usadas nem sabidas n'esta Europa, as quaes, pelo acertado de suas cautellas, lhe-resistiram á trasladação, ás fadigas, e ares ma-

ritimos da viagem, e mudanças de clima. Para isto não houve mais do que encerral-as em caixas hermeticamente fechadas, mas com seus vidros, accommodadamente dispostos para lhes-entrar a luz, agente importantissimo para a duração vegetativa.

O PSYCHÓMETRO DE PORTINS.

931 Um dos problemas mais difficeis, e ao mesmo tempo mais importantes para o philosopho e para o naturalista, é sem duvida a investigação da origem das faculdades intellectuaes do homem, seus instinctos e propensões.

Philosophos de todos os seculos teem forcejado como á porfia para o-resolver; systemas sem numero se-teem substituido uns a outros; e apenas nos-restam de todos esses edificios magnificos de *Aristoteles*, de *Platão*, de *Descartes*, de *Leibnitz*, de *Locke*, de *Condillac*, e de muitos outros, as ruinas, e o eclectismo de *M. Cousin*! E todavia não é por se não haver partido de pontos diametralmente oppostos, que nenhum d'estes systemas chegou a alcançar ainda o cunho da verdade.

O cérebro, passando a ser considerado como a séde da alma, necessaria para todo o movimento, por fim o-foi, como o complexo dos orgãos de todas as forças moraes e intellectuaes do homem, representados por signaes exteriores, que nol-os manifestam. Tal é o systema de *Gall*.

Antes d'este phrenologista allemão, havia *Lavater* estabelecido em thése geral — que as faculdades do homem, aquillo que elle havia recebido da natureza, se-deixavam ler no seu crâneo, no talho do rosto, curvatura da fronte, e contornos da barba; e que os seus habitos, aquillo que elle havia adquirido, se-lia nas partes molles, na pelle, e nas membranas.

Não é nosso proposito fallar agora d'espaço d'estes dois systemas — a *phrenologia* de *Gall*, e a *physiognometria* de *Lavater*; mas sim da *psychometria* de *Portins* fundada, não sobre a structura do crâneo e talho do rosto, mas sobre o magnetismo animal; — systema menos conhecido que os dois primeiros, mas que todavia deve merecer a attenção do philosopho; porque por elle se-chega aos mesmos resultados postoque por caminho differente.

Segundo *Mesmer*, auctor da theoria magnetico-animal, é o magnetismo animal um fluido subtilissimo, diffundido por toda a parte, que serve de *meio* de mutua influencia entre os corpos celestes, a terra, e os corpos vivos, e que póde receber, propagar, e communicar todas as impressões do movimento.

Escusado é dizer que depois do apparecimento d'esta theoria, *Mesmer*, assim como *Gall*, e *Lavater*, foi alcunhado de charlatão e impostor. Tal é a sorte reservada para tudo quanto é novo, e encontra as idéas recebidas; porque ha muita gente, que, em vez de examinar devidamente uma doctrina, acha infinitamente mais facil lançar sobre seu auctor o injurioso epítheto de charlatão. Felizmente ha outros porventura mais instruidos, e menos injustos, que não despresando o testimunho dos factos, se-dão ao trabalho de lhes-investigar as causas; e são estes, e só estes, que tarde ou cedo chegam ao descobrimento da verdade.

Certo que fôra mister ser cego para não vêr e observar os espantosos effeitos do magnetismo, d'este mysterioso fluido susceptivel de ser movido, dirigido e fixado sobre tal ou tal pessoa, servindo de vehiculo para se-estabelecerem entre o magnetisador e essa pessoa, relações taes, que ambos se-identificam, e fazem com que as sensações de um se-communiquam ao outro.

Esta hypothese justifica plenamente os philosophos, que pretendem explicar a sympathia e anthypathia, que experimentamos, quando vemos pela primeira vez um individuo estranho, pela maior ou menor analogia ou repulsão, que existe entre as atmosphéras magnéticas, que nos-cercam. O magnetismo vem portanto a formar uma especie de irradiação, de auréola em volta de nós.

Se esta auréola se-põe em contacto com outra, se ambas se-attráem, se se-combinam, se se-*assimilam*, experimentaremos sympathia, amor; se pelo contrario se-repellem, sentiremos aversão, aversão que nós mesmos não sabemos explicar.

Esta hypothese explica tambem perfeitamente os phenomenos do *psychómetro*, que passamos a descrever:

O *psychómetro* é uma caixa de 12 pollegadas de comprido, 11 de largo, e 5 de alto; do meio da qual se-eleva uma columna de 6 pollegadas de altura, e 2 de diâmetro, e dentro d'ella está suspensa uma agulha magnetisada, cujos movimentos indicam as qualidades moraes do homem. Juncto d'esta columna está um pequeno mostrador de 6 pollegadas quadradas com 100 *forâmes* numerados, que correspondem a outras tantas qualidades de que a alma é susceptivel, segundo o pensar do auctor. E finalmente, ao lado, está um tubo de vidro cheio de mercurio, que serve de fixar o instrumento.

Supponhamos agora que alguem pretende saber, se é ou não orgulhoso. Electrisa-se primeiramente um tubo de vidro de 12 pollegadas de comprido, e introduz-se na caixa; colloca-se uma agulha de vidro ou de metal no *forâme* 17.°, que corresponde áquella qualidade, e aproxima-se um iman á columna de 6 pollegadas de modo que a face superior corresponda exactamente ao borde da abertura. Se a agulha vem ferir vivamente a columna, o individuo não poderá negar que é orgulhoso; mas se fica immovel, terá tudo menos esta odiosa qualidade.

O Dr. *Haag* apezar de muito preoccupado contra o *psychómetro*, não póde deixar de confessar, que depois de todas as experiencias possiveis, nunca esta máchina lhe-falhou; que ella lhe-denunciava exactamente todas as suas qualidades moraes, e descrevia o seu character; e que ainda mais convencido ficou de que esta máchina não era obra de charlatão, quando amigos seus, cujos crâneos haviam sido tateados por *Noel* em Dresde, lhe-asseveraram que as respostas do *psychómetro* coincidiam exactamente com as d'aquelle celebre phrenologista inglez.

Parece portanto, diz *Haag*, estarmos auctorisados para affirmar, que o magnetismo é um fluido de que se póde carregar um corpo inanimado; — que a máchina se-magnetisa como um individuo qualquer, postoque por differente processo; e que do mesmo modo que este individuo lê em nossos pensamentos, lê o *psychómetro* em nossas qualidades.

Não deixaremos comtudo por declarar, que ha em tudo isto alguma coisa de incomprecnsivel; ¿mas porventura comprehendemos nós melhor os phenómenos do somnambulismo? ¿Quem sabe se o *psychómetro* estará destinado para rasgar um dia o denso véu, que cobre ainda os maravilhosos effeitos do magnetismo animal? O que não podemos negar é — que o *psychómetro* nos-prestou já um não pequeno serviço, fazendo-nos encarar este objecto diversamente; pois que até agora se-tinha apenas consignado o magnetismo em relação á cura das molestias, e aos phenómenos do somnambulismo; e o *psychómetro* veio augmentar este campo de investigações, e provar que pelo magnetismo se-póde chegar ao conhecimento das faculdades moraes e intellectuaes, do mesmo modo que pelas fórmas do rosto, e structura do crâneo.

Não queremos com isto dizer, que o *psychómetro* seja uma máchina completa, longe d'isso; ella tem defeitos capitaes, que muito conviria corrigir.

Entre outros — a sua pouca consistencia, e a má classificação das faculdades. — Em máchinas d'esta ordem, deveria a simplicidade ser a primeira qualidade; mas pelo contrario vemos que a *psychometrologia* admitte umas 42. Demais, encontrâmos entre aquellas 100 algumas em que não é possivel marcar differenças, faltando outras essenciaes; por exemplo, o instincto da propagação, a propensão ao roubo, á destruição, etc.

Talvez que estes instinctos fossem de propósito omittidos pelo auctor por considerações futeis, a que devêra ser estranho. ¿Mas, por outra parte, a quantos insultos não estariam sugeitos *Portins* e o seu *psychómetro* se elle denunciasse a uma joven donzella allemã, que tinha o instincto da propagação da especie? Assim mesmo incompleto como está, não deixa de motivar frequentes disputas e recriminações entre os casados; e diz *Portins*, que fica tremendo de susto todas as vezes que marido e mulher lhe-sobem as escadas.

Remataremos este artigo com a breve noticia histórica de *Portins*, e do que deu occasião ao seu invento psychométrico.

Portins habita uma pequena parte de um 4.° andar de Reichstrasse em Leipsick, aonde dá licções de lingua allemã para sustentar sua familia; e foram precisamente estas licções, que o-encaminharam para tal resultado. Notava elle, que quando os seus discipulos estudavam com mais applicação e affinco, a temperatura da sala era muito mais elevada do que no caso contrario. Pretendeu descobrir a causa d'isto, e de reflexão em reflexão chegou a pensar que, se a applicação ao estudo se-reconhecia por signaes tão manifestos, outras applicações se-poderiam conhecer similhantemente. Generalisou *Portins* esta idéa; fez grande numero de experiencias; e conseguiu construir o seu *psychómetro*. Consta que trabalha por aperfeiçoal-o, e augmentar o numero das qualidades moraes — porém melhor fôra que elle as-diminuisse e as pozesse em harmonia com o systema de *Gall*. Talvez que por meio d'estes dois systemas combinados possamos ainda um dia vir a julgar do character de um individuo, das suas faculdades, dos seus instinctos e propensões, e a resolver satisfatoriamente o problema mais difficil e importante da sciencia do homem.

Sentimos que o Dr. *Haag* seja tão resumido e escuro na descripção do *psychómetro*, cujo desenho, se nol-o apresentasse, facilitaria a sua concepção.

Declararemos por fim — que não foi o valor do *psychómetro*, mas sim a sua novidade, que nos-moveu a dirigir a V. este mal arranjado artigo, para ser publicado no seu jornal. É objecto curioso, que será uma extravagancia, mas que lançado ao campo da sciencia, e conhecido por muitos, poderá talvez ser aproveitado por algum philosopho pensador, o qual avaliando devidamente estes factos os-faça contribuir para algum novo systema ou theoria.

Lisboa 27 de septembro de 1842.

Guilherme S. Abranches, Medico.

(Communicado.)

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

20 de Octubro de 1682.

932 ¿Se o espaço, de que podemos dispôr n'esta folha, é tão curto para commemorar acções de uma só pessoa; como nos-haveremos hoje, que em vez de uma nos-achamos com duas? Sim, duas pessoas são; mas ambas no mesmo subjeito; que Antonio da Fonseca Soares, o mancebo rixoso, o capitão de cavallos, o poeta licencioso, o amante requebrado, não é por certo Fr. Antonio das Chagas, o varão apostolico, o sacerdote virtuoso, o prégador incançavel, o missionario ardente, a cuja voz se-abalam as cidades e as serras, se-confirmam na fé e moral os tibios, se-convertem os peccadores, e melhoram de vida todos os fieis. — No convento de S. Francisco de Evora despe Antonio da Fonseca o rico uniforme de capitão, e veste Fr. Antonio das Chagas o pobre borel franciscano. Abandona a guerra dos homens com os homens, para carregar com todas as suas antigas e novas forças contra o inimigo commum d'elles. Mas os homens, que não deixam por isso de pelêjar com os homens, parece que até a ultima hora se-empenham em divertil-o d'aquelle seu sancto proposito. — Era o dia 19 de maio de 1663; tudo se-achava no grande templo prestes para a solemnidade da profissão de Fr. Antonio, quando uma balla de artilheria, disparada do exercito inimigo, que n'aquelle mesmo dia começára o sitio da cidade, como se-viera assistir a tão religiosa funcção, eis que entra pela porta da egreja, e sem offensa de alguem, vai caír na capella-mór juncto do habito destinado ao novo filho do seraphico patriarcha. Não o-aterraram as ballas, que a ellas anda affeito; mas o Prelado, a quem cumpre obedecer, ordena que a profissão se-faça em logar mais seguro. — Ha no convento de Evora uma capella de singular architectura, que nem Vitruvio, nem Vinhola ensinaram, ou souberam. De ossos humanos são suas paredes, de caveiras suas columnas, esqueletos os paineis, que a-adornam. A este palacio da morte levam a Fr. Antonio os que a ella fogem. Aqui se-vota a Deus; e já se vê que votos proferidos em tal logar, não eram para ser tomados de leve. — Portugal e Castella o-

viram; o Varatojo o-attesta; e a qualificação de *Veneravel* será um perpetuo padrão dos trabalhos, verdadeiramente apostolicos, de Fr. Antonio das Chagas. — Tinha nascido na villa da Vidigueira, a 25 de junho de 1631, e falleceu, em cheiro de sanctidade, no seu amado Varatojo a 20 de outubro de 1682.

Como escriptor deve ser considerado tambem distinctamente nas duas épochas da sua vida. Emquanto secular foi poeta; poeta, como se-intendia no seu tempo; versejou infinitamente em portuguez e castelhano; e apesar do seu ingenho não foi superior aos defeitos capitaes do seculo, em que viveu. A maior parte das suas poesias correm ainda manuscriptas; são frequentes nas collecções; mas, que se perdessem, pouca falta fariam ao *Parnaso lusitano*, (perdoe-se-nos a expressão). O A. d'este artigo possue dois volumes d'ellas: um é o poema *Demophon y Filis*, em oitava rima castelhana, de que é impossivel lêr tres paginas a fio; outro é composto de poesias soltas, e tem por titulo — *Jardim de Venus, Prados de Amor em campos de elegancia, por Antonio de Afonseca,* cujo só titulo mostra o que será por dentro. — O que escreveu depois de professo são tudo obras ascéticas e moraes. Passam no intender dos doctos por mui estimaveis no seu genero; e, ainda que com alguns defeitos no stylo, por puritanas na linguagem portugueza. — Quando andava nas missões, fez grandes diligencias para recolher e supprimir as suas poesias profanas, e offerecia muitos jejuns e cilicios por intenção de quem lhe-fizesse presente de alguma. Pelas muitas, que ainda restam, parece que foram pouco attendidas n'esta parte as rogativas do missionario.

J. H. da Cunha Rivara.

A BATALHA DO CHRYSUS.

711.

(Fragmento.)

(Continuado de pag. 42.)

933 Como na vespera, já o sol se-inclinava das alturas do céu para o occaso, e ainda a batalha estava indecisa; se é que o terror que incutia o cavalleiro negro no logar, onde pelêjava, não fazia pender um pouco a balança do lado dos godos. De repente um grito partiu do mais espesso revolver do combate: este grito gigante, indisivel, d'íntima agonia, era o brado unísono de muitos homens: era o annuncio doloroso de um successo tremendo. O cavalleiro negro, que, impellido pela ebriedade do sangue, e similhante a rochedo que se-despenha pelo pendor da montanha, ía derramando a morte atravéz dos esquadrões do Islam, volveu os olhos para o logar onde soára o bramido retumbante da multidão. Era no centro da hoste goda. As tyuphadias vergavam em semicirculos para a banda do Chrysus, como o açude minado pela torrente, a ponto de desprender-se das margens, oscilla e se-curva bojando sobre a veia inferior das aguas. A muralha de ferro que posta entre o Islamismo e a Europa dizia á religião do propheta d'Yatrib — «não passarás d'aqui» — vacilla como a quadrella de cidade fortificada batida muitos dias por vaivem de inimigos. Por fim aquelles vastos macissos de homens, ligados pela cadeia fortissima da disciplina, do pudor militar, e do esforço humano, derivam-se rotos ante os turbilhões dos arabes, ondêam, e derramam-se na campina. Pelo boqueirão enorme aberto no centro da hoste goda precipitam-se as ondas dos cavalleiros mohametanos, e após elles a turba dos berebéres com um clamor selvagem e infernal, annuncio de matança e ruina. Debalde as alas tentam ajunctar-se, travar-se uma com outra, soldar os membros despedaçados do leão iberico: passa por lá a impetuosa corrente dos netos d'Agar e dos filhos parricidas da Hispanha, que involve e arrasta os que pretendem vadial-o. Deus contára os dias do imperio de Leud-wig-hild, e o sol do último d'elles era o que descia já para o occidente!

O cavalleiro negro víra a fuga das batalhas godas, advertido pelo clamor que a-precedêra. Voltando as rédeas do seu murzello, esporeou-o para aquella parte. Levava lançado ás costas o escudo, onde os tiros dos archeiros africanos ciciavam como a saraiva no inverno batendo nos troncos despidos do roble. Pendia-lhe da esquerda do arção a borda ensanguentada; da direita o frankisk. O ginete tresfolgava na furia da carreira, açoitando os ares com as crinas ondeantes, e atirando-se ao meio da especie de voragem aberta nas fileiras christãs, a qual devorava uns após outros os esquadrões moslémicos. Ao chegar ao medonho confluente d'aquellas encontradas torrentes de homens armados, o guerreiro parou, e olhando em roda por um momento, ouviu-se-lhe um grande brado. Era a primeira vez que a sua voz soava no meio da batalha, e a unica palavra que lhe-saíu da bocca foi o nome de Theodemiro. Esse brado devia chegar longe, reboando como o trovão. Dir-se-ía que o desconhecido estava habituado á conversação do bramido dos mares revoltos e do rugir das ventanías pelas fragas das serras; porque n'aquelle grito, conjuncto inexplicavel de chólera, de agonía e de receio, havia uma harmonia, uma similhança com o gemido immenso da natureza, quando lucta comsigo mesma no passar de tempestade nocturna.

Mas aos ouvidos de Theodemiro não podia chegar o brado do desconhecido. Arrastado pelos turbilhões de fugitivos, forcejando por obrigal-os a voltarem o rosto contra os arabes, ora com palavras de amarga repreensão, ora com o exemplo, o duque de Corduba combatia mui longe d'elle. Em vão o cavalleiro negro lhe-repetia o nome com toda a força de seus pulmões de bronze: era inutil o bradar, e apenas servia para attraír os golpes dos agarénos, que se-precipitavam rapidos a concluir a victoria. As achas d'armas, as cimitarras, os dardos faziam scentelhar a armadura e o escudo do desconhecido, que tomado, ao que parecia, d'um pensamento doloroso, alongava os olhos por toda a parte em busca do unico homem, que porventura sabia o seu nome, e a quem unicamente elle dava mostras de affeição no meio de tantos pelêjadores esforçados e illustres. Com um suspiro de desalento o cavalleiro saíu da especie de torpor, que o-tornava immovel ante o spectaculo de tanta desventura, e o seu despertar foi tremendo. Erguendo em alto a maça d'armas e vibrando-a furiosamente em roda de si, começou a partir espadas, a abolar ar-

maduras, a esmigalhar crâneos. Em breve ao pé d'elle, no meio dos mosselemanos victoriosos, o terror invadia os ânimos, como na vespera, como n'esse mesmo dia, se-espalhára por toda a parte onde haviam reluzido as púas agudas e irresistiveis da sua ensanguentada borda, ou o ferro largo e scintillante do seu cortador frankisk.

¿Mas, porque parou elle soffreando subitamente o ginete? ¿Que ha ahi n'essa immensa seára ceifada de homens de guerra, que possa attraír os olhos do mais incançavel dos segadores? No sitio em que parou estava poucas horas antes hasteada a signa real — era o centro da hoste goda; mas dos que ahi pelèjavam, uns lá vão ao longe precipitar-se no abysmo da eterna ignominia; outros, os mais felizes, adormeceram do seu ultimo somno no regaço da patria, e esperam sem temor a chegada do abutre que já páira nos ares, do lobo voraz que já uiva nas serras, e que vem recolher a sua herança — o manto corrupto que elles despiram subindo para o seio de Deus.

O guerreiro ficára immovel com os olhos fictos no chão, era que a foice da morte, passando por alli cerceára a derradeira esperança do imperio de Theoderik. O spectaculo que se-lhe-antolhava era a explicação do terrôr pânico que se-appossára de tantos homens valentes. Fugiam: ¡Ruderico porém estava ahi! mas retalhado de golpes; mas sem vida! Já não seria debaixo de seus pés, que o throno da Hispanha se-desfizesse aos golpes do machado dos arabes. Um sceptro sem dono em Toletum, e mais um cadaver juncto ás margens do Chrysus, era o que restava do ultimo rei dos godos! Com a sua morte fenecêra ao redor d'elle a esperança, e com a esperança déra em terra o esforço de animos robustos. As alas ignoravam este horrivel acontecimento, e por isso pelèjavam ainda.

Capitaneando os soldados mais valentes do imperio, e vendo a seu lado dois guerreiros como Theodemiro e Pelaio, Ruderico naturalmente valoroso tinha sentido coar-lhe nas veias toda a ebriedade dos combates. As antigas cohortes do Islamismo, dos velhos soldados de Muza conquistadores da Almagreb, e de grande parte do Oriente, mal podiam já resistir á impetuosidade dos repetidos e furiosos commettimentos dos godos, a quem o exemplo do rei das Hispanhas redobrava brios e esforço. Foi n'este momento, que Tarik viu que ía apagar-se o astro brilhante das glorias do Islam, e com o enthusiasmo de uma crença fervorosa, pôz os olhos no céu, e erguendo para lá as mãos, exclamou: » Propheta de Deus, salva os crentes, ou faz que eu possa morrer! » Um pensamento que elle acreditou vir-lhe de cima, e que subia do inferno, o-fez sorrir. Ensanguentando o ventre do formoso cavallo com os agudos acicates, e deixando Theodemiro que similhante ao leão do Atlas, lhe-derribava em terra os melhores soldados, e só no seu braço achava dura resistencia, precipitou-se contra Ruderico, que perto d'alli pelèjava. » Rei dos godos! — bradou ao approximar-se d'elle: — sou Tarik! Convoco-te para um combate de morte. Quando um de nós caír saber-se-ha se deve triumphar no Algarb a lei de Jezus o Nazareno, ou o livro divino enviado do céu a Mahomet. Deus seja o nosso juiz! »

E um golpe que desceu como o raio, retinindo sobre o elmo de Ruderico, fez caír em pedaços a coroa doirada que lh'o-cingia.

O rei godo reconhecêra Tarik apenas se-approximára, e deixando caír o frankisk mettêra mão á larga e curta espada romana mais propria para o combate singular que a acha d'armas dos frankos. Uma estocada violenta respondeu conjunctamente ás palavras do capitão arabe e ao golpe que esmigalhára a coroa do monarcha. Tarik sentiu o ferro, que rompendo o sáio de malha, lhe-penetrava levemente no peito, e por instante rapido vacillou a sua confiança tenaz nas inspirações do propheta. Mas elle viera alli por um pensamento subito, e este pensamento era a voz immutavel do destino: cumpria obedecer-lhe resignadamente.

Com o ânimo tranquillo que produz o fatalismo moslémico, Tarik apesar de ferido no primeiro encontro, proseguiu no combate, e brevemente quem quer que olhasse para os dois campeadores poderia prever a qual d'elles devia pertencer a victoria. A cholera trasbordava no coração de Ruderico, que, demudado o gesto, e os olhos faiscantes, só attendia a offender o seu adversario. Tarik, pelo contrario, julgando-se instrumento de missão divina, vendo na morte a palma de martyr, e no triumpho a gloria de salvador dos crentes, de propagador do Coran, refreára a furia do primeiro impeto. De um lado estava o valor desregrado, a cegueira do odio violento: do outro a serenidade do espirito, e o esforço meditado: era a lucta do furor e da intelligencia: o seu desfeixo não podia ser duvidoso.

A. Herculano.

(Continuar-se-ha.)

CARTA V.

Cyclos ou grandes divisões historicas. — Edade média e Renascimento. — Preferencias da edade média.

(Continuado de pag. 44.)

934 Reflictâmos nos derradeiros momentos de quatro famosos capitães portuguezes, que viveram em diversas épochas. N'essas quatro horas de agonia me-parece ver um symbolo do período que abrange a virilidade, edade grave, velhice e decrepidez da nação portugueza. Este symbolo resume, se não me-engano, a historia da transformação moral d'esse período.

Em 1449 o conde d'Abranches Alvaro Vaz d'Almada expira em Alfarrobeira, rodeado de cadaveres, e cançado de derribar seus contrarios, defendendo a honra e innocencia do grande infante D. Pedro; porque cavalleiro, cria na virtude d'outro cavalleiro, do seu amigo, a quem antes da batalha, cujo êxito d'antemão ambos sabiam, jurára sobre a hostia consagrada não sobreviver.

Em 1515 Affonso d'Albuquerque, o maior capitão do mundo, afóra Cesar e Bonaparte, depois de estampar as quinas como em signal de servidão na fronte da Asia, e de obter dos infieis o nome de leão dos mares, morre de desgosto, por ver turbada contra si a face do monarcha; morre, crendo que um enrêdo mesquinho de cortezãos póde offuscar a sua glória, que allumia a terra; morre, porque se-desconhecem seus serviços.

Em 1548 D. João de Castro acaba jurando que não roubára um cruzado á fazenda pública, nem acceitára uma só peita para torcer a justiça. Era necessario o juramento do moribundo para que passasse pura á posteridade a memoria de um homem honesto.

Em 1579 D. João Mascarenhas, coberto de cãs e farto de recompensas, calca aos pés a corôa de loiros que obtivera em Diu, e como o mais vil usurario estende da borda do sepulchro a mão descarnada para receber de Castella o preço, por que vendêra a patria; e expira, se não cheio de remorsos, ao menos rico de oiro e ignominia.

Em 1580 a independencia de Portugal não existia: — e o Diabo do Meio-dia, por me-servir da frisante denominação dada por Sixto 5.º a Philippe II, reinava em todas as Hispanhas.

As differentes circumstancias companheiras da hora extrema de quatro homens imminentes — d'essa hora em que o espirito se-mostra nú aos olhos da posteridade, — revelam o seu estado moral, e as suas convicções, e n'elle e n'ellas o estado moral e as convicções da geração a que pertenceram. No primeiro ha uma individualidade vigorosa, que tem fé na propria virtude, e no testimunho da consciencia; no segundo ha ainda a virtude, mas não ha a consciencia d'ella; substituiu-a o juizo do monarcha: a glória crê precisar da confirmação dos cortezãos; crê precisar de um diploma, que a-legalise. No terceiro ha tambem virtude, mas já como que duvidosa de si; a individualidade desappareceu completamente; o homem nobre e virtuoso crê que o seu nome se-ha-de submergir na corrupção geral, que o-cerca, e ergue-se no seu leito de agonia para bradar aos vindoiros: «juro-vos que fui honesto.» No quarto, emfim, a glória prostitue-se á traição; a nacionalidade é levada ao mercado das ambições de estrangeiros; um homem illustre cospe na face da patria, expira contando os saccos de oiro que lhe-valeu sua perfidia, e a nação dissolve-se como um cadaver gangrenado.

Eis-aqui, porque eu considero todo o seculo decimo-sexto como um seculo de decadencia. O viço da arvore dura algum tempo depois de se-lhe haver entranhado o gusano no âmago do tronco; porque as folhas nasceram e crearam-se quando a seiba ainda era pura. E' após isso, que as folhas amarellecem e caem; os ramos engelham e torcem-se; o tronco secca e apodrece. Então passa o sôpro das tempestades, e a arvore desaba em terra.

Mas, dirá alguem, todos esses factos, que constituem o facto complexo da decadencia, foram acasos; foram decretos do destino. Explicação insensata! As palavras *acaso* e *destino* são apenas desculpas vãs, a que os intendimentos tardos se-acoitam para se-esquivarem á indagação das causas dos phenómenos históricos. Os acontecimentos que characterisam a generalidade de uma épocha, e que reunidos constituem a synthese d'ella, teem sempre origem na indole intima da sociedade, na natureza da sua organisação. Se houve uma grande mudança na existencia politica de um povo, o character da geração, que foi educada pelas antigas instituições e antigos costumes, e que assistiu a essa transformação, poderá ser modificado por ella, mas conservará sempre os principaes lineamentos que lhe-imprimiram as fórmulas sociaes que passaram. São os homens que vem depois, os que traduzem em obras as novas fórmulas, e é pela anályse d'essas obras, que a revolução deve ser julgada; porque só então os factos são exclusivamente gerados por ella.

Applicando estes principios á transformação preparada durante a edade media, e concluida pelo duro coração e robusta intelligencia de D. João II, acharemos facilmente a solução d'esse mysterio da fôrça e esplendor do reinado subsequente, e da rapidez quasi incrivel com que tudo isso se-abysmou em pouco mais de sessenta annos. Virá um dia em que indagando o estado social do seculo XV, achemos alhi as causas dos successos do primeiro quartel do decimo-sexto; das prosperidades e glórias do reinado de D. Manuel.

A. Herculano.

(Continuar-se-ha.)

Doe-nos a forçada necessidade de retalhar, como fazemos, o importante artigo começado a pagina 21, e cuja continuação se-vai lêr. Quinze dias ha que o-possuimos completo em nossa pasta, e ainda comtudo não podemos prometter aos amigos da litteratura e da moral quando levaremos ao fim a sua publicação. Os empachos inevitaveis de uma redacção só os redactores os-conhecem.

THEATRO.

Rua-dos-Condes.

A ARTE — OS ARTISTAS — A OPERA CÓMICA — FRA-DIAVOLO — O SR. IBARRA — AS PROEZAS DE RICHELIEU.

(Continuado de pag. 44.)

935 A primeira ferida aberta no puro seio da arte foi porventura a introducção do drama sanguento, incestuoso e adulterino. Sem conservar o rosto severo e carregado da tragedia, sem possuir a sua dignidade e gravidade, sem lhe-seguir a estrada recta e ampla, com os seus elevados effeitos, e os impetos sublimes e as commoções poderosas, sem ao mesmo passo se-apresentar com aquella amavel franqueza, aquelle chiste ligeiro e gracioso, que é o espirito da boa comedia, o drama estreou-se no theatro calçando o cothurno tragico, e cobrindo os hombros com o variegado manto de arlequim. Ora torcia o rosto e fazia visagens para simular o pranto, ora se-desfazia em momos e tregeitos para excitar o riso. Sem ser folgasão, nem terrivel, tinha vaidades de se-mostrar alegre e melancholico ao mesmo tempo. E não era nada.

A novidade porém chamou as attenções. Houve quem o-tomasse a sério. Foi uma dôr d'alma.

D'algumas raras excepções, que haviam produzido sensação pela felicidade dos assumptos ou pela superioridade da execução, nasceram alentos para muitos, que illudidos por um effeito apparente ou talvez falhos de gosto e de tacto, se-atiraram desalmadamente a exagerarem, o que já de si era exagerado, e d'ahi por diante foi uma lastima. Não se-viram na scena senão fogueiras, execuções, tribunaes mysteriosos e tremendos, lagrimas capazes de dissolverem o tablado e o theatro, gritos em todos os tons, desde o berro mais *gutural* do sr. Ibarra

até ao mais desentoado guincho da sr.ª Radicci, declarações flamejantes, um suspiro em cada phrase, um desmaio em cada falla, uma punhalada em cada scena, um assassinamento em cada acto, tudo com muitas ressurreições acompanhadas de ah! ah! e oh! oh! — e o todo um puro veneno para os bons costumes, para o sizo, para a decencia e para a moral pública. E por certo que não seremos n'este caso suspeitos, nós que isto escrevemos. Já tambem sacrificámos ao idolo que esteve em moda, e não foi esse seguramente o mais pequeno destempêro da nossa lavra. Tambem já accendemos fogueiras, arrancámos facas, erguemos patibulos; e não sabemos que mais despropositos dramaticos, todos d'egual força. Hoje, graças a Deus e aos bons conselhos de alguns illustres amigos, estâmos radicalmente curados e com boas tenções de não usar de similhantes recursos, senão com o maior tento e cuidado possivel, com muita economia e parcimonia.

Esses causticos da scena, porventura no principio excitantes poderosos, caducaram já — derreteu-os e dessorou-os o abuso e a prodigalidade com que d'elles se-serviram. O drama, que nascêra extravagante, fez-se antropóphago — deu-lhe em cannibalificar-se em roda do selvatico festim d'essas profanações moraes, chamadas *scenas de effeito*, em que lagrimas e riso, terror e compaixão, tudo é arrebicado, desgeitoso, e caricato.

Confundiram as mais nobres paixões com os mais bestiaes instinctos, e o resultado foi uma monstruosa amalgama em que alguns elementos bons se-destroem mutuamente, e em que o mau sobresae com manifesta e deploravel vantagem.

É uma verdade que hoje reconhecemos. A ancia de *fazer effeito*, como se-diz ahi, é um dos maiores inimigos da arte. Dispôr a occasião e os lances é talvez a maior difficuldade que no theatro ha para vencer. Que sejam raros, mas calculados: energicos, mas prudentes: brilhantes mas trazidos a proposito. Eis-ahi o difficil, mas um dos mais preciosos segredos da arte.

A vaidade e a presumpção deitaram a perder o drama. Grandes serviços á moral, á arte, e ao theatro poderia elle fazer, se-tivera modestia, se não se-demasiasse.

O drama na nossa humilde opinião é, ou póde ser um terceiro genero, um genero mixto para assim dizer, que requer sobre tudo um gosto apurado, grande saber, quando é drama historico, e grande estudo das conveniencias sociaes quando é familiar, ou antes quasi sempre ambas estas qualidades junctas. E' possivel ser chistoso sem truanice, e apaixonado sem excesso — mas é difficil. Se o drama não houvera naufragado n'estes parceis, ou se fôra possivel leval-o a seguro porto poderá ainda fazer serviços grandes. Talvez seja esse o genero que mais convenha á pintura, no theatro, das épochas mais luminosas da historia, que para retratar com a possivel similhança as feições de uma sociedade, forçoso será copiar egualmente o sublime e o ridiculo d'ellas, para que o traslado seja parecido, e o-reconheçam.

Ora o drama d'este modo considerado (e já por esta fórma algumas vezes — rarissimas! — executado) seria um dos filhos mimosos da arte. Mas geralmente não o-intenderam assim. Encheram-lhe a cabeça de fumo. Pôz-se muito ancho a vomitar palavras sem tino e a accionar sem ordem. Não ficou drama: ficou um possesso.

Todavia não é este ainda o maior inimigo da arte e da moral. As scenas da devassidão descabellada e bacchanal, os incestos e os venenos, os parricidios e as tenebrosas maldades de toda a ordem são sem duvida um hediondo spectaculo: mas a propria hediondez é porventura o seu mais poderoso antidoto e mais valente correctivo. Chama-se a isto em portuguez velho e raso, que é portuguez de lei: *curar a ferida com o pello do mesmo cão.*

O drama hirsuto e arripiado com gestos de papão e linguagem demoniaco-infernal espanta e apavóra, mas não cála no coração. Tem ao menos o merito de não enganar. Com elle não se-corre o perigo das perfidas impressões que se-insinuam traidoramente, e cuja doblez perigosa é cem vezes, mil vezes mais para temer e tremer do que as diabruras scenicas d'aquell'outras composições phantasmagoricas.

Dizem que o theatro é um reflexo da sociedade — não discutiremos isso aqui. Ou a sociedade esteja realmente mui pervertida, ou por que fizessem do tablado uma especulação de maldade, o certo é que outro inimigo mais damnoso ainda para a arte e para a moral, appareceu na scena. Sorri este, apresenta-se mui penteado e perfumado, tem galante mascara, e modos elegantes. Seduzir-vos-ha de longe, e só quando bem de perto o-examinardes, vereis, que é um cadaver lívido e podre cujo contacto é pestifero, e as exhalações mortaes. Ide ver uma d'essas representações ligeiras e risonhas, em que o vicio mais despejado traja de sêda e com maneiras na apparencia frivolas vos-côa para o intimo d'alma o germen de todas as torpezas. Fiae-vos nas suas seducções, e levae lá as vossas esposas e filhas inexperientes, tristes serão as novas que depois nos-contareis. De certo que não ouvireis trovejar o adulterio ou o incesto, mas fio-vos que heis-de ouvir brincar com elles como com todas as coisas, quer sejam infimas prostituições, quer sejam crimes furibundos. Acautellae-vos, que o veneno finge nectar. As boas regras da arte ahi não se-consultam: basta só preparar certo numero de equivocos, não já de palavras, mas de situação, ou para melhor dizer certas situações que de equivoco nada teem, e o fim está preenchido. A propriedade é o ultimo requisito que n'ellas se-procura. A honra de uma familia, o credito de um marido, a reputação de uma esposa são os mais especiaes acepipes que esses maldictos guisadores do vicio dão á voracidade do descaramento. — ¿Que coisa póde ahi haver mais divertida do que o desespero de um pobre homem, honesto e honrado, e a quem cuspiram nas faces incendidas de pejo, a infamia e o opprobrio de toda a vida? ¿Que mais comica scena do que a violação de uma donzella, e o eterno enxovalho de umas cans envergonhadas? ¿Acaso não é isto capaz de fazer rir as pedras? E se lhe-accrescentardes algum nobre sentimento para servir de alvo aos epigrammas e ás chufas, dizei-me, não ficará uma obra prima? E' o esqueleto entre purpuras: é o aspide entre as flores!

Narraverunt ut absconderent laqueos: dixerunt: quis videbit eos!

J. S. M. Leal Junior. *(Continuar-se-ha.)*

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

936 Os ESTADOS-UNIDOS, fieis aos seus pactos com a *Inglaterra*, declaram, que se-opporão ao tráfico da escravaria, mas que nação nenhuma do mundo será ousada de lhe-entrar em seus navios a revistal-os. Só os poderosos podem ter e manter razão.

O catholicismo, em que pez a quem pezar, cresce e dilata-se: elrei da DINAMARCA manda fundar na sua capital uma egreja catholica.

Elrei da PRUSSIA alliviou o povo do antigo onus de dotar as suas princezas, quando cazam. Bella coisa é ver um monarcha, rendendo assim espontanea vassalagem á philosophia do século.

A INGLATERRA vai mandar para o *Brazil* quem em seu nome negocêe um tractado commercial com aquelle imperio: ¡ ¿ que será o tractado ? ! N'aquella parte do novo mundo o inglez não é amado, nem tido em cheiro de grande sanctidade

......Timent Danaos et dona ferentes.

Na FRANÇA tem-se por certo, que o duque d'*Aumale* casará com a rainha de *Hispanha*. Anda aprendendo o castelhano, e tenciona vir incognito a *Madrid*. Diz-se que a *Inglaterra* promette não pôr impedimentos ao matrimonio, se os francezes lhe-reconhecerem o direito de visita. — *Chateaubriand* declarou, que não tornaria a escrever. Se trabalhava só para a immortalidade, muito ha que podia ter queimado a sua penna: mas este silencio de tão eloquente bocca, ainda viva, tem de ser deplorado de quantos por todo esse mundo sabem lêr.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

937 *Diario do Governo de* 13 *de Octubro*. — Decreto para que se-forme uma commissão de cinco membros, para o fazimento de uma lei de decima e impostos annexos. — Venda de bens nacionaes nos districtos de *Vizeu*, *Portalegre*, *Evora*, *Vianna*, *Lisboa* e *Coimbra*.

Idem de 14. — Decreto revogando o da suspensão das garantias. — Ordem do exército n.° 47.

Idem de 15. — Portaria para que os administradores dos districtos mandem para a referida secretaria de estado, todos os mezes, a statistica dos crimes do mez anterior. — Dicta elogiando Luiz Antonio Duarte Leitão, pelos novos martellos percutentes, que inventou para as armas de fogo.

Idem de 17. — Portaria para que todos os que teem a seu cargo cofres públicos, remettam mensalmente a conta das sommas entradas.

Idem de 18. — Annuncia-se pelo Thesouro Publico, que a arrematação das saboarias se-fará nos dias 14, 15, e 16 de novembro.

Idem de 19. — Venda de bens nacionaes nos districtos de *Faro*, *Braga*, *Guarda e Lisboa*.

SOCIEDADE ESCHOLASTICO-PHILOMATICA.

938 Após tres annos de precaria e desfavorecida existencia a Sociedade Escholastico-Philomatica, parece finalmente arribada a salvamento; é mais um prospero milagre da fé perseverante. Os trabalhos, pela maior parte importantes a que esta reunião de mancebos geralmente escholares, se-tem entregue, discutindo theses gravissimas, de historia, de philosophia e de litteratura, são fiadores dos brilhantes futuros que os-aguardam. — A sua primeira sessão solemne celebrada a 15 do corrente deu aos numerosos e respeitaveis ouvintes, de que a sala estava cheia, assás de bons fundamentos para sairem, como nós, convencidos de taes verdades, e abençoando os esforços d'esta geração nova, que tambem, tambem cá em nossa terra se-levanta, para consolar o presente com as arroteações largas do mundo da intelligencia, e com a esperança dos fructos, que elles, senão seus paes, ou seus filhos senão elles, não deixarão de colher em vindo o praso.

Depois de lida pelo 2.° secretario, o Sr. Salgado, uma historia breve e elegante da Sociedade desde a sua origem, o presidente o Sr. Ribeiro de Sá como philosopho, crente nos grandes destinos humanos já terrestres já sobrenaturaes, e como orador vehemente, e algumas vezes tambem como poeta inspirado, discorreu assim a respeito da historia da civilisação pelo christianismo, como ácerca do que sobre a civilisação subsequente se-póde desde já futurar pela tendencia manifesta da juventude para a regeneração espiritual e scientifica. Dois socios o Sr. Camarate e o Sr. Avila discursaram com estremado saber e copia sobre dois pontos de opposta indole, mas ambos de interesse e necessidade; o 1.° presentou um tractado didactico da fundição das balas e granadas, onde segundo os intendedores havia lucidez, exactidão e novidade, pelo menos relativa: — o 2.° um opusculo sobre a pena de morte em que depois de impugnar os argumentos dos que a-defendem, rematava o auctor confessando prudentemente que no estado actual das nossas coisas não seria conveniente o abolil-a. Terminou-se o acto repartindo-se por todos os assistentes o retrato gravado do nosso collaborador e amigo o Sr. José da Silva Mendes Leal Junior, distincto ornamento d'aquella academia.

Esta publica homenagem ahi dada solemnemente pelos mancebos a um dos mais altos representantes da geração nova, foi sem nenhuma contradicção um domnoso pensamento. A pequena sociedade na sua soberania fez o que a grande não costuma, nem talvez comprehende — cunhou na unica moeda, de que era senhora, a effigie do genio de que se-honrava.

Este retrato fôra offerecido para este mesmo fim á Sociedade pelo seu auctor, e d'ella membro, o Sr. *João José dos Santos*, academico de merito, e aggregado á eschola de gravura da Academia de Bellas-Artes de Lisboa.

ESMOLA DE UM SUFFRAGIO AO POBRE COLCHOEIRO.

939 Bastante tempo foi visto pelas ruas d'esta cidade um pobre homem, ou antes um velhinho pobre, concertador de colchões, com o minguado trem do seu officio ás costas, fazendo pela vida com o seu pregão bem conhecido. Estava quasi cego, mas era alegre, prasenteiro, e ía levando a sua cruz o melhor que podia. Ocioso não era elle. Em quanto teve vida nos olhos, teve vida nas mãos: trabalhou o mais que pôde. Pouco a pouco foram-se-lhe condensando mais e mais aquellas trevas crueis. Cegou de todo: foi quando deixou de viver pelo seu braço. Mas sempre a mesma cara resignada e jovial. Se alli não havia bondade, não sabemos aonde a-haja. O pobre cego devia de ter um bom cabedal de fé e religião para alimentar tão bem a virtude da conformidade. Era uma virtude, verdadeiramente virtude, singella e chã — nem elle sabia que a-tinha.

Não ha muito ainda que o pobre velho ahi se-via por essas ruas, cantarolando, como uma opera comica, ambulante, com a differença essencial de só se-intreter com boas rezas e orações, allegrando os que o-viam com aquelle seu aspecto venerando e folgasão, e recebendo a esmola que ninguem lhe-negava. A sua miserrima condicção parecia dever servir-lhe de arnez contra malfeitores. ¿Que tinha o pobre colchoeiro cego que tentasse a ninguem? ¿ Quem lhe-havia de fazer mal? ¿para que? Pois fizeram — maltrataram-no (dizem-nos) — assassinaram-no no caracol da Graça (segundo nos-informam) espancando tambem cruelmente o seu guia pequenino!

Não o-choramos a elle. Só Deus sabe dos corações, mas cremos que morreu um justo. Choramos a cegueira e des-

amparo dos que se não pejaram, nem arreceiaram diante do mundo e do céu de pôr mãos sanguinosas na velhice enferma e na innocencia. Deus tenha misericordia d'essas almas!

Mendes Leal Junior.

OMNIPOTENCIA DO AMOR.

940 O carrasco *Simões* é viuvo, ha já alguns annos. Postoque a primeira experiencia, que fizera do matrimonio, não fosse das mais afortunadas, ou talvez por isso mesmo, empreendeu segunda, accrescentando a uma prisão perpétua, outra prisão perpétua; á do *Limoeiro*, a do casamento. Parece que o mais difficultoso sería achar mulher, tão superior, ou tão inferior a todos os respeitos mundanos, tão disquitada da natureza, e tão vazia de feminidade, ou emfim tão charitativa e generosa, que acceitasse a sua mão; — achou-a comtudo, moça de vinte annos e não destituida de formosura. — Correram os proclames; e escusado é advertir, que não appareceram impedimentos: faltava só apertar o laço senão quando, o prelado da provincia, segundo nos-affirmam, avóca o negocio, e denega, ou pelo menos não expede, as licenças necessarias.

Não sabemos dizer em que prenderam os seus escrupulos, os quaes, attentas as muitas letras, virtudes, e prudencia do Pastor, não deviam de ser sem fundamento. Lembra-nos que o moralista grego vendo aparelhar-se as bodas de um ladrão, seu visinho, escrevêra aquella fabula das rãs, pedindo a *Jupiter* que não deixasse casar o *Sol*, fundando-se em que, se um unico *Sol* lhes-seccava os charcos de sua vivenda, ¿ que sería d'ellas quando começasse de haver soisinhos! — ¿¡ Recearia aqui o veneravel Pastor a propagação de lobos no seu rebanho! ? Se S. Ex.ª póde prohibir, e prohibiu, este consorcio repugnantissimo, uma consideração ha, que a nós nos-faz força para louval-o, — não porque julguemos, como *Esopo*, que de ladrões hão-de proceder forçadamente ladrões, e carrascos do carrasco; — mas porque os filhos do carrasco seriam infames aos olhos do mundo; seriam homens evitados e fugidos; desterrados na propria terra; verdadeiros *Párias* no meio da sociedade; inhabilitados para tudo, salvo para toireiros. Assim o que á primeira vista pareceria sobejidão de rigor, considerado de mais perto, se-reconhece charidade, e tão extremada, que o seu alvo não anda aos olhos, nem está ainda na existencia, nem sequer n'um futuro certo.

REDADA DE LADRÕES.

941 Os papeis publicos nos-referem, que o governador de *Abrantes* mandára dar caça aos ladrões e malfeitores, com que as visinhanças da villa, e estradas ao sul do Tejo, andavam enxovalhadas. Tres foram logo prezos, cujos dois eram desertores. A 13 do passado, caíu-se de improviso sobre as carvoarias de *Ulme*, e em tão boa hora, que apanharam mais 28 suspeitos de crimes; um d'esses desertor de cavallaria 4, e outro o homicida façanhosissimo dos contornos.

THEATRICES NORMAES NO CONCELHO DE SOZA.

942 *Manuel Cazeiro*, por alcunha o *Malhado*, vivia de moleirar n'uma azenha no logar da *Pedricosa*, concelho de *Soza*; emquanto existiu sua mulher não houve contra elle nota: — mantinham-se em sua pobreza, honesta e concertadamente: porém desde que a-perdeu, haverá dois annos, tornou-se a azenha um covil de sensualidades. Nunca alli faltavam duas ou tres d'essas boas femeas, cuja unica industria é embair os sentidos, e cujo numero, graças ás guerras civís, ás revoluções, ás liberdades ainda não digeridas, e tambem ás depravadas litteraturas, cujos effeitos repassam até aos que não sabem lêr, tanto e sem limite se-tem demasiado em nossos dias. Havia no mesmo logar uma rapariga dos seus 22 annos, de cujo comportamento nada houvera a principio que dizer, mas que já tambem a final era taxada de leviana; assim devia de ser porque tendo ficado pequena por morte de sua mãe, seu pai a não reprimíra, consentindo-lhe tracto e familiaridade com certas mulheres, mui pouco para citadas em capitulo de honestidade. Quando vieram as reprehensões foi tarde — não ha extirpar cancros da alma já arreigados. Sua madrasta forcejou ainda pela reconduzir ao bom caminho; tudo foi escusado; quebrou todas as pêas; assentou moradia e vivenda sobre si, e deu largas a suas viciosas e viciadas inclinações; chegando a ser uma das contubernaes da azenha e parte mui activa de suas orgyas. A natureza, que dá ás infelizes, que a-renegam, entre outras penas rigorosas a da esterilidade, desmentiu d'esta vez o seu costume pára duplicar ainda a punição: — a louca sentiu-se condemnada a ser mãe. — Esta novidade, que é talvez a mais alegre na existencia humana, foi para o molleiro um raio; anteviu trabalhos, despezas, responsabilidades que o seu genio sólto e devasso repugnava: — começou de desprezar e espancar a sua victima, que apezar de tudo, (tanto era o desabrimento, com que os seus a-repelliam) espancada e maltractada voltava a procurar a sombra de seu verdugo. A 22 do mez passado uma scena de novo género se-representava na azenha — uma altercação de palavras, começada entre ella e outra das devotas do molleiro, por causa de umas contas de oiro, que esta parecia haver-lhe roubado, subiu de ponto, chegando a violencia de pancadas de parte a parte. Acode o sultão, e tomando acção pela accusada contra a accusadora, descarrega sobre esta furiosos golpes de mãos e pés, e em tanto extremo furiosos, que dá com ella em terra desanimada: n'este estado a-arrasta para fóra do seu covil, desamparando-a na via publica. Alguns visinhos, que passando a-reconheceram, a-levaram para a pobre casa, em que vivia; e onde a-deixaram a sós com as dôres, com a consciencia, e com os terrores da morte. — Quando veio pela manhã já não existia; a sua attribulada alma se-exhalára na escuridão, sem consolação religiosa, sem auxilio da arte, sem nenhum alivio da charidade, sem a doçura de ouvir vozes, ou ver rosto humano enternecer-se da sua agonia. — A justiça se-apoderou do cadaver ou antes dos dois cadaveres, porque o filho havia morrido dentro na mãe enregelada. — O malvado desappareceu.

Aquella azenha será, emquanto existir, um monumento, que estará gritando a paes e mães contra o desleixo, desgraçadamente communissimo, na mais importante de todas as materias, a creação dos fi-

lhos e filhas, e a saudavel repressão da demasiada liberdade.

Devemos esta noticia ao nosso officioso correspondente o sr. *João Ferreira da Cruz*.

UM INCENDIARIO DE NOVA ESPECIE.

943 O logar da *Costa*, ao sul do *Téjo*, compunha-se, quasi unicamente, de miseraveis chóças de pescadores, onde a nudez d'esses enteados da civilisação se-aninhava debaixo de tectos de côlmo. Um incendio destruíra metade da povoação, a charidade a-reedificára melhorada. Mas os escapos d'aquelle primeiro estrago viram-se, não ha muitos dias, a pique de segundo, que por ser de noite, e noite descomposta de temporal, poderia ter deixado toda a aldêa n'um montão de cinzas. Uma velha doente morava sósinha n'um d'aquelles tugurios: accendêra esta, ao recolher-se á cama, uma lamparina, sua unica e fiel companheira; um rato, que attraído do cheiro do azeite entrára no aposento, descobrindo no fundo do pires a torcida, lançou-se a ella, e já se-preparava para fugir com tão apetitosa golodice, quando, chamuscado no focinho, se-resolveu subitamente a renuncial-a; era porém tarde; o algodão se-lhe-havia entallado nos dentes, e o seu inimigo não podia já deixar de o-seguir para toda a parte. N'este momento accordou a velha, e viu, não sem muitos credos em cruz, a sua querida lamparina, com tanto amor accesa por suas mãos, voar como uma verdadeira bruxa pela parede acima, e sumir-se por entre as palhas resequidas do tecto, que para logo começaram de reluzir, e estralar, affogando em fumarada todo o quarto. Aos seus gritos, não de fogo, mas de *abrenuntio*, *abrenuntio*, acudiu visinhança; e o incendio e o incendiario foram egualmente destruidos.

L'ABEILLE.

944 Vai o jornal, que em Lisboa se-imprime com este titulo, encetar com o seu proximo numero uma nova série. A sua empreza e redacção pertencerão desde agora exclusivamente á Sr.ª D. CATHERINA ALVARES DE ANDRADA, senhora bem conhecida por suas muitas lettras e prendas; e de cujas habeis mãos tantas educações feminis se-hão visto sair, a todos os respeitos, completas. Podemos logo prophetisar, com assás de segurança, que a ABELHA, trabalhadora e industriosa, pura e virginal como á sua índole compete, não se-apascentará senão das flores mais escolhidas, mais ricas de mel e de virtudes. — Perenne lhe-seja a primavera que vai estrear — em abundancia se-lhe-convertam todas as verdes esperanças, que a-cercam — e cubra o publico favor com toda a sua boa sombra a colmêa, para que de dia em dia se-rechêe cada vez mais dos succos medicinaes e suaves, de que tanto está carecendo esta nossa edade, a quem indigestos e venenosos alimentos eivaram o sangue, e derranearam a compleição.

UM LIVRO INDISPENSAVEL.

Prospecto.

945 Ninguem ignora quão grandemente proveitoso foi para o estudo do nosso Direito Patrio Novissimo nas escholas, e para sua certa e exacta applicação no fôro, o *Repertorio ou Indice Alfphabetico das Leis Extravagantes*, que em 1815 — 1819 publicou o illustre e infatigavel Jurisconsulto portuguez, o Desembargador *Manuel Fernandes Thomaz*. Póde sem dúvida affirmar-se, que sem este preciosissimo auxilio era inextricavel o labyrintho de nossa Legislação Extravagante, já porque na multiplicidade enorme de artigos legislativos, que declaravam, ampliavam, restringiam, ou revogavam uns aos outros, se-tornava quasi impossivel o encontrar na occasião o de que se-tratava, a não ser por meio de um Indice, que pela fórma alphabetica facilitasse a achada; já porque, sendo mui difficil descobrir muitas leis, compreendidas no longo periodo, que decorre desde a publicação das Ordenações em 1603 até 1819, e que é abrangido no sobredito *Repertorio*, conseguiu a incançavel diligencia, e zêlo de seu laborioso A. haver conhecimento e publicar o summario de um grandissimo numero d'ellas que se-achavam enterradas ou em cartorios e archivos, ou em collecções de particulares, ou em autos judiciaes, ou nas obras de diversos escriptores, e que por isso se-tornavam quasi nullas na pratica, por não ser possivel fazer d'ellas a proposito uso ou applicação alguma.

E em verdade se-fosse ainda mister provar a utilidade e valor d'esta penosissima obra, de sobejo daria testimunho d'ella a rapidez com que em poucos annos foram exhauridos os exemplares d'aquella primeira edição, sem embargo de serem augmentados com 400 e tantos que se-reimprimiram do 2.º Tomo, para junctar a outros tantos do 1.º que haviam ficado desemparelhados. E a tal ponto tem chegado hoje a falta e raridade d'este livro no commercio, que os estudiosos de nossa Jurisprudencia avidamente o procuram quasi sempre debalde, e se algum exemplar se-lhes-depara, é sempre por um preço excessivo, e que se-tornará progressivamente mais alto ao passo que mais forem escaceando os exemplares venaes.

Por outra parte força era, como o benemerito e ingenuo A. do sobredito *Repertorio* francamente reconheceu na Prefação, que n'aquella primeira edição saísse elle incompleto; que não é de esperar que obras de tal natureza possam fazer-se de um jacto, e levar-se desde logo ao ponto de perfeição de que são susceptiveis. Por isso só em nova edição se-poderiam emendar os defeitos, preencher as faltas, e rectificar as imperfeições, que não podiam deixar de escapar n'aquella primeira, com quanto bem trabalhada, tentativa.

Convencido do que então predissêra, e sempre sollicito em consagrar seu prestimo e fadigas ao proveito dos estudos d'este importante ramo da Jurisprudencia Patria, ía o illustre A. do *Repertorio* colligindo e coordenando novos materiaes para uma segunda edição, que por elle proprio elaborada deveria por certo de sair assás apurada e completa, quando infelizmente veio a morte cortar o fio da honrosa, e tão utilmente empregada carreira de seus dias.

Existindo porém em nosso poder, escriptas de seu proprio punho, as addições, correcções, e rectificações, que já havia redigido, e que são ainda em não pequeno numero; e sendo aliás tão vivamente desejada dos cultores da nossa Jurisprudencia, tanto no estudo theorico, como na pratica forense, e até no exercicio dos cargos administrativos, uma nova edição d'esta obra, tão necessaria e indispensavel em cada um dos referidos empregos, quanto hoje rara e difficil de encontrar no commercio: tivemos — que fariamos util serviço, reproduzindo o mesmo *Repertorio* em nova e mais commoda edição, addicionando nos respectivos artigos os augmentos e correcções, que se-acham escriptas de lettra de seu A. no exemplar de seu uso que possuimos; e só então ficará propriamente esta obra no estado, em que elle a-deixou.

Vai pois abrir-se uma subscripção para esta segunda edição do referido *Repertorio ou Indice Alphabetico das Leis Extravagantes*, a qual, em ordem á maior commodidade do seu preço e uso, será em 2 volumes 4.º grande. Preço para os Senhores Assignantes 4:800 réis, metade pago ao receber o 1.º volume; e 6:000 réis para quem não subscrever. Assigna-se para ella nas terras e lojas seguintes, aonde sómente se-entregarão os exemplares — Lisboa — na loja dos Senhores *Bertrands* aos Martyres. — Porto. — Coimbra — na loja da Imprensa da Universidade, e mais lojas de livros.